

O PAÇAIA

JORNAL LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO.

REDACTOR — JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO 20 DE JULHO DE 1862.

N. 11.

A ESPIA

OU

O SEGREDO DOS CARBONARIOS.

POR

FREDERIC SOULLIÉ

(Continuação)

Estes moravão em Pariz, onde tinham posto hum casa conveniente. Sem ser opulenta mostrava certa abastança. Tendo sido confiscados todos os bens de Faviani e sua mulher, só lhes restavão os capitaes que tinham podido fazer passar para a França. Jaffarino tinha-se tornado o factotum da casa: hum pouco criado, amigo, mas sobretudo affeiçãoado a Fiavilla como um pai e seu filho. Jaffarino era hum homem de trinta annos, que tinha servido sob o commando de Pellico no reinado de Murat. Foi pela protecção de seu antigo chefe, que chegou a ser hum dos empregados da prisão de Napoles; e era salvando Faviani, que principiava a provar o reconhecimento e a especie de idolatria que tinha votado a Pellico, e depois a sua filha.

A vida que Faviani tinha em Pariz era simples e honrosamente occupada. Desde sua chegada as melhores casas dos liberaes francezes lhe forão abertas com affeição: elle mesmo os recebia algumas vezes em sua casa, e offercia assim hum distractão segundo seus gostos a alguns refugiados italianos, aos quaes não deixou faltar os seus soccorros. Seu viver digno e benefico lhe tinha valido a affeição da maior parte delles: e quando chegavão a fazer entrar algumas cartas na Italia, nenhum deichava de se estender em elogios e esperanças a respeito de Faviani. Em Napoles estas cartas erão habilmente espalhadas, e a reputação do proscripto se augmentava cada dia, emquanto o homem d'estado, de que fallamos, alvo dos gracejos e dos sustos dos seus collegas, se contentava em responder com firmeza: —Deixa-me, deixai-me, eu volo supplico.—E entretanto nada parecia annunciar que tivesse feito alguma cousa; porque nada se passava em Pariz que mostrasse que Faviani era objecto de vigilancia ou traição. Sua vida com effeito era sempre a mesma: habilmente guiada a fim de não assustar o governo fransez, mas sempre molesto ás autoridades Napolitanas. Talvez em hum só occasião Faviani deixou de ter prudencia, e manifestou mui altamente a vivacidade de suas opiniões.

Hum dia, que estava na hopera em hum frisa, houve hum grande movimento na platéa, e todos os olhos se dirigirão para hum camarote, onde acabava de entrar hum mulher de hum belleza e sobretudo de hum elegancia rara: era de estatura baixa, e magra; seu rosto levemente pallido estava como encaixado em hum multidão de cabellos ne-

gros, que cahião sobre seus hombros: longas e finas sobrancehas coroavão seus olhos brilhantes, cujo brilho parecia que só deixavão passar a travez de hum véo de longas pestanas que, quando suas palpebras se abaixavão, se desenhavão sobre seu rosto, quasi tão negras como suas sombrancelhas: as rosas encarnadas de seus labios se desprendião da mesma sorte sobre a pallida brancura de sua pelle; e o esmalte de seus dentes, quando se sorria, brilhava como os diamantes que ornavão suas orelhas; hum cruz de brilhantes, presa a hum fita de veludo preto, pendia de seu pescoço: trazia hum vestido cõr de rosa de um tecido de CACHEMIRE, guardado por toda a parte de rendas pretas, que sobresahião sobre o marfim de sua pelle; seus braços estavão nus, erão delicados, e a pertados no pulso por braceletes de veludo preto, presos com grandes fivélas de diamantes; suas mãos estavão cheias de anneis: adevinhava-se facilmente que era hum estrangeira.

A attenção de toda a sala estava fixa nesse camarote em que estava essa mulher; e a mesma marquezia muitas vezes se tinha inclinado para admirar essa belleza surprehendedora, quando Faviani, arrastado pelo exemplo geral, se decidio a deixar o seu lugar para julgar dos elogios que a sua Fiavilla, aliás tão bella, dava a esta desconhecida. O movimento da marquezia tinha sido reparado e tinha chamado sobre ella a attenção da estrangeira; assim, quando Faviani se chegou para vêr, vio os olhos della fitar-se sobre si, e logo hum leve saudação lhe fez saber que tinha sido reconhecido. A este signal o rosto de Faviani se tornou sério, e se retirou com vivacidade para dentro do camarote, sem pagar esse leve cortejo a quella que lh'o tinha dirigido.

—Vós conheceis esta bella mulher? lhe disse Fiavilla.

—E tambem vós, disse Faviani.

—Eu, não de certo, disse a marquezia voltando os olhos para o camarote da desconhecida, que achou attenta para si: não; se eu algum dia tivesse visto esta cara, nunca me teria esquecido; não; de certo eu a não conheço, repetio ella, olhando ainda para a estrangeira, cujos olhos a não deixavão.

—Talvez, disse Faviani, nunca a visseis; mas sabeis o seu nome: he a condessa de Palla.

—A bella Octavia! exclamou Fiavilla: he ella? E arrastada por invencivel curiosidade quiz vê-la ainda, e achou-a ainda occupada em olhar para o seu camarote, como se ahí quizesse fazer penetrar seus olhos. Fiavilla se voltou então para seu marido, que lia hum jornal com attenção, e lhe disse sorrindo-se:

—Na verdade, amigo, não sois justo: em Napoles ereis o unico que me dizia que a condessa não era bella; ou não sois franco, ou não tendes gosto.

—Fiavilla, lhe respondeu seu marido com hum doce sorriso, que mulher pôde ser bella comparada

contigo? E de mais, acrescentou elle com huma especie de repugnancia, a condessa me desagradou; não posso separar sua pessoa de sua vida; e a sua he certamente huma má recommendação.

—Spaffa me disse muitas vezes que a tem calumniado muito, disse a marquezia.

—Talvez Spaffa tinha necessidade de que assim se acreditasse, respondeu Faviani sorrindo-se: ou amor, ou vaidade, gosta-se de enfeitar o idolo a que se sacrifica; mas a ruina de alguns de nossos mais ricos herdeiros he huma accução de que ella se não pôde defender.

—Mas vós mesmo me dissestes que nenhum delles tinha direito de queixar-se, porque ella nada promette a essas brilhantes homenagens, e nada lhes deu.

—Sem duvida: mas o que huma namoradaira deixa esperar, he muitas vezes mais attractivo e perfido que o seu amor. E mais; eu creio que só se faz por huma mulher o que ella quer aceitar, e que ella he sempre senhora de embarassar as loucuras de seus adoradores.

Neste ponto o camarote de Faviani se abriu e hum alto mancebo louro, no ultimo tom, se apresentou.

—Oh! deliciosa creatura! exclamou elle ao entrar: vós a conheceis, Faviani; apresentar-me-heis a ella. He huma admiração, huma embriaguez universal: todos fallão nella: o salão está atulhado: eu prometti noticias, porque vi que vos cortejava. He tão bella, que faria, estremecer hum santo. Quem he ella? donde vem como se chama? E dizendo este fluxo de palavras, o mancebo se deitava para fóra do camarote para ver essa maravilhosa pessoa: esta olhava ainda.

(Continua).

SYMPATHIA

PAGINAS ROMANTICAS.

(Continuação do n. 7.)

Virginia passava em Pondichery um genero de vida analogo ao de Heitor em Pariz, com a simples differença devida naturalmente ao sexo e aos costumes do paiz. Como seu pai a deixava muitas vezes só para occupar-se de seus negocios, Virginia tinha aprendido com cedo essa sciencia que dá a solidão, a reflexão. Fechada com suas creadas em uma especie de palacio, circundada de tudo que o luxo pôde crear de bello de rico e de agradável, passava os dias meditando no que o luxo não dá e que ella só tinha visto em seu coração. As reuniões tão variadas em uma cidade a que affluem os estrangeiros de distincção de todos os paizes não lhe offereciam prazeres que lhe penetrassem a alma; as homenagens dos homens a deixavam sempre indifferente; ella dizia consigo: « Não e assim. » Como eram ridiculos, com effeito, todos esses mancebos bonitos

e ricos, em comparação da criação querida de seu coração! Se elles tivessem visto, tal qual a via Virginita, essa imagem, envergonhar-se-hiam de sua presumpção! Mas a virgem pudica nada deixava; apparecer; ella não sabia além disso se seu sonho não se realisaria um dia; era moça e esperava; e quando o bom Kohler fallava de casamento, respondia-lhe: « Ah! meu querido papaizinho, não tenho ainda deseseios annos?! » E Kohler revestia-se de paciencia, continuando a amontoar thezouros.

Virginita tinha a felicidade de gostar da leitura. Sua bibliotheca era composta das melhores obras de todas as linguas, mas de tal maneira entretanto; que em todos esses livros nada era de natureza que fizesse corar um rosto innocente. Ella andava corrente, quanto é possível a tres mil legoas, a litteratura européa e sabia as obras notaveis que se publicavam em Allemanha, Inglaterra e França. A pessoa que escolhia e lhe mandava essas obras era uma amiga de sua mãe, moradora em Paris. Quando appareceram os versos de Heitor, Mmc. Estubal, que era conhecida em litteratura os mandou logo a filha de sua amiga.

Virginita recebeu este livro em uma bella manhã em que ella se levantára risosna, e um sol de outubro, meigo e brilhante, atravessando as cortinas movidas brisa, alegrava seu gabinete. Ella abriu o livro ao acaso, e desde a primeira pagina absorveu sua attenção. Essa poesia assenhoreava-se de sua alma como os objectos de uma amiga; ella estremecia, seus olhos brilhavam, suas mãos tremiam voltando as folhas; finalmente, vencida por sua emoção, derramou uma torrente de lagrimas; o livro ficou inundado!... O Heitor, a sympathia, atravessando os mundos, não fez estremecer teu coração? Depois ella continuou sua leitura, e só a deixou quando estava acabado o volume; começou de novo a lê-lo. Os dias que se seguiram foram cheios da mesma maneira, até que ella soube todo o livro de cór, o que, devo dizer, não levou muito tempo.

Estava pois achado esse ente tão medi-

tado, esse amigo que o coração de Virgí-
nita por tanto tempo chamara de balde !
O' ventura ! elle comprehendia seus pen-
samentos, pois que os traçava todos tão
exactamente ! E como exprimia clara, no-
bremenente o que ella só entrevira ! Como
sabia bem todos os segredos de seu cora-
ção ! Retirai-vos amantes vulgares , que
jamais fizeste ouvir uma palavra de que
o coração se lembrasse ! Estaes vencidos,
aniquilados ! e por um livro. Sim, mas
por um livro que não se fez a si mesmo ;
não ha effeito sem causa, e da mesma for-
ma que a criação nos faz pensar em Deus,
assim os versos de Heitor levaram o
pensamento de Virgíntia para seu autor.
No titulo ella leu seu nome, que lhe pare-
ceu encantador : Heitor Lecomte. E
insensivelmente acostumou-se a pronun-
cial-o de sorte que muitas vezes o inse-
ria nos versos , que repetia. Oh ! o que
devia ser esse homem que havia escripto
semelhante obra ! que coração , que alma
elle possuia ! que genio ! Então Vir-
gíntia fez a applicação de certos versos,
que notára particularmente , áquelle que
os tinha escripto , e poetizou ainda mais
essa imagem já tão poetica. Não era pre-
ciso tanto para atear uma paixão ardente
em um coração creado para amar.

(Continua)

ROMA CHRISTÃ.

Meus amigos ! vêde a Roma antiga,
admirai-a, escutai a infinidade de vozes,
que sahem de seus restos solitarios , cho-
rai de tristeza no meio de todas estas rui-
nas , mas animai-vos logo , examinai com
respeito filial esta Roma Christã , que tem
já durado tanto como a antiga , e que deve
assistir às ultimas convulsões do mundo ;
esta Roma santa , rainha e mãe da Igreja
do Christo, a quem Deus confiou o cuidado
de seus fieis. Roma é apenas conhecida
sob este aspecto , sua gloria passada des-
lumbra os olhos , que não deveriam bus-
car em seus muros mas do que seu actual
esplendor. Esse santo ancião , que não

abre seus tremulos braços senão para
abençoar o mundo , não é tão digno de vos-
so respeito como esse miseravel Claudio ,
como esse obeso e vil'ciberio , como Nero,
como Caligula , como esses cesares perdi-
dos de vicios e devassidões, que inquinava-
vam os lagedos da Via Sacra ?

(De Siviy , Rome et l' Italie méridionale).

Traduc. de N.

Carta do taverneiro Rodavalho à sua namorada.

« MINHA QUERIDA XINFRONIA. —

« Eu amo-te muito ! Às vezes concertando o vi-
nho no fundo escuro ho armazem , calculo na côr
arroxada desse balsamo divino os quartilhos de
negra saudade que tenho ENGARRAFADO no fundo do
meu coração ; choro , e as lagrimas correm-me pe-
las faces AVINAGRADAS como gotas de « agoardente. «
já tenho o peito escalado « de dores , como um pan-
no de toucinho ! « e tu , ingrata , és sempre a mes-
ma , como um bacalhao de amostra ! « Se avalias-
ses as LIBRAS dos meos affectos , verias querida
Xifronia as ARROBAS de sympathia que te consagro,
e poderias , se não fosses tão cruel , viver deste
amor ALCOOLICO , na doce embriaguez de um riso
meo , sempre circumdada de carinhos como são os
queijos pelos ratos !

« Se eu podesse , donzella , ENCANTERAR no teo
coração todos os BARRIS que tenho enchido de pran-
to desde que te amo , podia obter um lucro espan-
toso do teu AMOR ; porém , como me prohibes desse
DEPOLITO de TERNURA , concede-me ao menos que
faça em cada um dos lados do teo peito, PRATELEIRAS
CORRIDAS , onde possa com segurança arrumar todos
os meos desvelos ! »

« Não julgues pela humidade do balcão , no qual
vivo encerrado , frieza no NEGOCIO dos meos sincere-
ros protestos, A gaveta de minhas PROMESSAS ,
constantemente está azinavrada !

« Já vêz , portanto , pelas ESPERANÇAS que diaria-
mente APPURO , ter QUANTIA sufficiente para SUSTEN-
TAR os teos desejos ! E não mandas TROCAR por uma
NOTA de teus merecimentos, as MOEDAS que ATTESTÃO
A FÊ dos meos juramentos e a RIQUEZA da minha con-
fiança ?

« Se não merecer uma resposta tua que anime o
EXPEDIENTE de minhas supplicas, terei de pesar todas
as occurrencias AMOROSAS e dar BALANÇO às ENTRA-
DAS E SAHIDAS dos versos que houverão durante o
periodo de nossa amizade, e ver , no palpitar ACTIVO
de um suspiro , e no languor PASSIVO de um ai , o
que ganhei em paixões !

XINFRONIA.

Sonhos que te figuravão
Muitos tive e variados,
Uns mimosos e doirados ,
Outros que me arrebatavão ,
Quando de ti me fallavão

Linda açucena da veiga,
Que vezes, pallida, meiga,
Julgando que te abraçava,
Agarrado me acordava

— A UM BARRIL DE MANTEIGA !

Quando está limpa a balança
Que teu gesto me retrata,
Logo o desejo me assalta
Cresce-me altiva esperança;
De gosto a saudade alcança
Beijos de eterna ousadia,
Nem m'impelle a phantasia
Que exalta o merecimento;
Apraz-me e quero um momento,

— PESAR-TE COMO A LETRIA !

Se estou sardinhas fritando,
Ferve-me o amor no peito,
Bellas quadrinhas a geito
Teos olhos elogiando;
Vou pouco a pouco chegando
Mais carvão ao fogareiro ...
Só me pesa ser caixeiro
E que o patrão me observe,
Porque dirá : NÃO ME SERVE

— PONHA-SE AO FRESCO BREGEIRO !

D. M. C. DO NASCIMENTO,

POESIAS.

A Amizade.

Desejem uns embora ter brazões,
Explendidos palacios, lauta meza,
Bojudas areas prenhes de thesouros.

P'ra ostentar realeza ;

Outros, tantos navios cheios de ouro,
Que có pezo gemesse o mar profundo,
On então que á sua voz omnipotente

Se ajoelhasse e mundo ;

Que eu não desejo ter tantas riquezas,
Nem palacios, brazões ou fantasias,
Desejo só á candida Amizade,

consagrar meus dias.

Desterro Julho de 62.

Elisario.

ESCUITA.

Talvez perguntes, Zizina
A causa desta tristeza,
A que tu chamas frieza
Frieza do coração
Ah ! não queiras tu sabel-a
Que podes ao conhecel-a
Pedires-me inda perdão

Não é frieza o que vêdes :
Eu ardo todo abrasado
N'um fogo puro e sagrado
Vivo fogo da paixão !
Sê certa, amo-te ainda ;
E's bella, formosa, és linda,
Tenho-te sempre affeição.

A causa desta tristeza
Não posso jamais dezel-a
Pois talvez ao conhecel-a
Tu me prdisces perdão ;
E eu te amo e não quero
Que córes, ah ! não tolero
Em ti uma humilhação

Talvez que a saibas um dia,
Quando já valor não tenha
Entretanto elle não venha
Nosso céo d'amor toldar
Sê fiel, meiga e constante
Que um peito sempre amante
Hade alegre te adorar.

Desterro 19 de Julho de 1862.

Catharino Galeno.

PENSAMENTO.

Temos prazer em acharmo-nos n'um
navio batido pela tempestade, quando so-
mos certos de que elle não será destruido.
São desta natureza as perseguições que
atormentão a Igreja,

Pascal.

Na dicifração da charada do n.º antece-
dente faltou, marcar-se no 4 verso da 2.º
quadra 1 syllaba. A dicifração da mesma é
Joaquim.

Typographia Catharinens e
de Germano Antonio Maria Avelim, Rua Augusta
N. 23. — 1862.